

Patrícia Renepontes¹
Evelyn Eisenstein²

Gravidez na adolescência: a história se repete

> INTRODUÇÃO

A vida é um sistema dinâmico no qual todas as pessoas passam inevitavelmente por ciclos de estabilidade e mudanças. Segundo Minuchin⁽⁹⁾, uma família é um tipo especial de sistema, com estrutura, padrões e propriedades que organizam esses períodos de estabilidade e mudança. O sistema funciona através de padrões familiares em que, na maioria dos casos, a repetição é adaptável.

Quando dizemos que uma família possui estrutura, estamos nos referindo a padrões de interação recorrentes e imprevisíveis, que refletem as filiações, tensões e hierarquias importantes nas sociedades humanas e têm significados para o comportamento e os relacionamentos. A maioria dos padrões familiares é particular e desenvolvida com o tempo no próprio ambiente familiar.

Na estrutura de uma abordagem sistêmica, entende-se que as pessoas contribuem para a formação de padrões familiares, mas também é evidente que a personalidade e o comportamento são moldados pelo que a família espera e permite de seus membros, tornando-se assim necessário trabalhar com as pessoas dentro de suas famílias e de sua rede mais ampla de conexões⁽⁹⁾.

A gravidez na adolescência é atualmente um dos mais significantes problemas sociais em todo o mundo. No Brasil, dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) mostram que a maioria das mães solteiras é do interior do Nordeste e tem entre 10 e 14 anos. Esses mesmos dados indicam que 25% das meninas entre 15 e 17 anos que deixam a escola o fazem por causa da gravidez, que assim vem se tornando a maior causa de evasão escolar. A gravidez precoce e suas complicações são a principal causa de mortalidade entre adolescentes do sexo femi-

no de 15 a 19 anos, sendo a terceira causa de óbitos entre as mulheres no Brasil, perdendo apenas para homicídios e acidentes de transportes⁽⁵⁾.

Hoje convivemos com uma pluralidade de modelos familiares em que cada indivíduo recebe de sua família crenças e valores que estão associados ao momento histórico social, cultural e econômico de seu país e à sua história progressiva.

Compreender o indivíduo somente através de seu mundo interno e de sua história prévia, ignorando o mundo externo e a história atual, é negar a troca entre uma pessoa e o meio do qual ela aqui e agora participa, pois o indivíduo influencia o seu contexto e é por ele influenciado em seqüência de ação constantemente recorrente⁽⁸⁾.

Entender o papel dos sistemas nas crises familiares pode ser um recurso-chave para permitir mudanças substanciais que ocorrem na adolescência durante a gestação.

A FAMÍLIA ADOLESCENTE <

Família adolescente não quer dizer família com filhos adolescentes, mas se refere a um conceito criado por Cerveny⁽²⁾ significando que o sistema familiar é que adolece, pois filhos e pais vivem juntos um período significativo de mudanças⁽⁴⁾.

A chegada de um bebê numa família apresenta inúmeras mudanças para todos os seus membros, podendo gerar crises, tanto em termos da adolescente quanto do ponto de vista transgeracional. Essa influência, de uma geração formando

¹Psicóloga; pesquisadora de gravidez na adolescência do Núcleo de Estudo da Saúde do Adolescente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NESA/UERJ).

²Professora-adjunta da Faculdade de Ciências Médicas do NESA/UERJ.

outras, acontece não só pela bagagem genética, mas por toda uma bagagem afetiva e cultural transmitida. Possibilitar suporte psicológico para famílias e adolescentes grávidas, através da reflexão e da consciência dos problemas, contribuirá para a diminuição dessas crises⁽³⁾.

Segundo Maturana⁽⁶⁾, as transformações em uma família só se operam através das interações dos indivíduos que a compõem e das alterações de comportamento que essas ações desencadeiam. Toda mudança ou dinâmica comportamental que inicia a configuração de ações coordenadas capazes de definir uma determinada família pode começar pela mudança de comportamento de um só de seus membros. A estrutura de um sistema familiar se identifica com seus componentes reais e com as efetivas relações entre eles.

> OBJETIVO

O presente estudo pretende mostrar a repetição de padrões familiares de adolescentes grávidas atendidas no Núcleo de Estudo da Saúde do Adolescente do Hospital Universitário Pedro Ernesto, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NESA/HUPE/UERJ), e analisar esses padrões de comportamento através de pressupostos teóricos de autores psicoterapeutas sistêmicos e construcionistas, que relacionam a vida em família com o tempo e o local em que vivem os adolescentes.

> CONVERSANDO COM FAMÍLIAS ADOLESCENTES

Foram avaliadas para esta pesquisa-piloto quatro famílias com adolescentes grávidas, atendidas no NESA no primeiro semestre de 2005, visando detectar que tipo de padrão familiar é estabelecido durante esse período.

Diante da complexidade das dinâmicas familiares, optamos, desde a primeira entrevista, por trabalhar com a confecção de genogramas como recurso metodológico principal para entendimento dos padrões familiares repetidos. O genograma é capaz de

retratar a família sob o enfoque trigeracional, fornecendo informações sobre os seus membros e as relações entre eles, mostrando como problemas clínicos e sociais podem estar relacionados com o contexto familiar através do tempo. O presente estudo objetiva destacar o padrão familiar das adolescentes no que diz respeito à gravidez, buscando entrar no espaço relacional ideológico da família. Com esse instrumento, pretendemos entender as repetições dos padrões comportamentais familiares e as emoções que as sustentam através das gerações.

Família 1

Ana tem 12 anos e durante um trabalho eventual conheceu Júlio, cuja idade ignora, com quem teve um namoro de 15 dias e de quem engravidou. Durante a entrevista, acompanhada pela mãe, disse desconhecer o paradeiro de Júlio e não se importar com isso. Ana declarou que espera conhecer um outro homem com quem venha a viver e que assuma seu filho.

A mãe de Ana declarou não se importar com o fato de a filha ter engravidado nessa idade e nessa circunstância e relatou sua história: de família originária de Manaus, engravidou aos 13 anos, sendo deixada pelo pai da criança, que teria vindo para o Rio de Janeiro. Veio para o Rio à procura dele e aqui conheceu outro homem com quem vive maritalmente até hoje e que assumiu sua filha. Disse que, onde nasceu, engravidar aos 12-13 anos é normal.

Ana e a mãe estudaram até a quinta série e pensam, ambas, que o principal papel de suas vidas é construir uma família. Daí acharem normal a evasão escolar e a gestação tão precoce.

Família 2

Joana engravidou aos 14 anos e não comunicou a gravidez ao namorado, que até hoje não sabe que será pai. Espera encontrar um outro homem, com quem venha a viver, capaz de assumir sua filha. A mãe de Joana, embora viva maritalmente com o pai de Joana, engravidou aos 13 anos de seu filho mais velho, cujo pai sumiu. Mais tarde veio a conhecer o pai de Joana, com quem vive atualmente e que registrou como seu o filho da primeira relação.

Joana estudou até a sexta série e sua mãe, até a quinta. Ambas pensam que o estudo é importante, mas dão prioridade à construção da família, como no caso anterior.

Família 3

Rita engravidou, aos 16 anos, de Renato, que tem 22 anos e assumiu a paternidade dessa gestação de uma menina. Rita veio para a entrevista acompanhada pela mãe de Renato, pois está atualmente morando na casa dos pais dele. Contou que sua mãe é drogada, que não tem um lar estruturado e que foi criada, durante grande parte da sua vida, pela avó paterna. Com muita tristeza, falou que não continuará a relação com Renato por ele ter outras relações amorosas, o que é considerado normal na família dele, onde os homens têm uma mulher oficial e outras relações. Quando a filha nascer, pretende deixá-la aos cuidados dos avós paternos e ir embora, porque não concorda com a vida amorosa de Renato e de sua família. Perguntada sobre o que sentiu ao ser deixada pela mãe para os avós, respondeu que sentiu muita falta da mãe. E perguntada sobre o que achava que sua filha sentiria ao passar pela mesma situação, não respondeu e chorou.

Rita parou de estudar ao engravidar, sendo que seu principal desejo é construir uma família com Renato, apesar de discordar desse tipo de padrão. Ela está escolhendo a repetição de sua própria história.

Família 4

Rosa tem 14 anos e estava com 5 meses de gravidez no nosso primeiro encontro, quando veio acompanhada pela mãe. Tem dois irmãos, um com 12 anos e outro mais velho, que é filho do primeiro casamento da mãe, a mãe de Rosa engravidou aos 16 anos, pois necessitava formar uma família por se sentir muito só, apesar de ter 12 irmãos. Foi dada, aos cinco anos, para uma família de posses, pois seus pais eram muito pobres. No lar adotivo tinha que fazer o serviço de casa e não frequentava escola, enquanto sua irmã adotiva, da mesma idade, podia brincar, estudar e não dormia nas dependências dos empregados. Encontrou solução para a sua solidão no casamento e na gravidez.

Rosa diz que teve que cuidar do seu irmão mais moço desde cedo, pois seus pais se separaram quando ela era muito nova e sua mãe tinha que trabalhar. Embora tenha estudado até a sexta série e pretenda continuar os estudos, sente-se muito só e quer muito uma família sua. A mãe, muito triste, disse que ela não teve infância nem adolescência, mas queria muito que Rosa tivesse. Rosa também lamentou não ter podido ter infância nem adolescência. As histórias da mãe e da filha se confundem através dos tempos.

AVALIAÇÃO SISTÊMICA

A análise das famílias das adolescentes entrevistadas confirma a asserção de Minuchim⁽⁸⁾ em relação à repetição dos padrões familiares, através da qual as adolescentes vivenciam as experiências e as expectativas de suas mães.

A repetição dos padrões familiares nos casos estudados, em famílias vivendo em antagonismo com o atual momento social, pode ser entendida através do pensamento de Maturana e Zoller⁽⁷⁾, segundo o qual, cada vez que se começa a conservar, geração após geração, uma nova configuração do emoionar de uma família, esta é espontaneamente aprendida pelas crianças, pelo simples fato de conviver nesse contexto familiar. A configuração do emoionar que fundamenta uma cultura não se mantém por ser vantajosa ou boa; ela apenas se conserva. As crianças, vivendo e crescendo em um determinado emoionar, farão com que seus próprios filhos aprendam a viver esse modo de convivência, tornando-se, assim, dependente dessa rede o viver da comunidade ou da família em questão.

Assim, o modo como vivemos com nossas crianças, além de ser a fonte e o fundamento da mudança cultural, é também o mecanismo que assegura a conservação da cultura em que se vive. Como resultado, o padrão familiar tende a se repetir através das gerações, pois seu emoionar vem se constituindo nesse mesmo espaço.

Apesar de as adolescentes entrevistadas viverem em um mundo de ideais e valores cuja mutação constante objetiva a adaptação às mudanças

sociais, culturais e políticas exigidas pelo momento histórico presente, é certo que se subordinam às influências dos sistemas familiares no qual estão inseridas. E só dentro do contexto familiar é que se pode entender a repetição dos padrões familiares, pois o desenvolvimento social, científico e tecnológico exige mudanças ideológicas que causam constantes impactos nos modelos de vida das famílias dessas adolescentes.

Como resultado desses impactos se estabelece um antagonismo entre a sociedade e essas comunidades familiares, pois a sociedade exige e tenta impor os seus sistemas de valores ou um padrão de normalidade que não corresponde ao padrão de normalidade dessas famílias, criando inúmeros fatores conflitantes.

Embora a maturação sexual dos jovens esteja ocorrendo cada vez mais cedo devido a causas variadas, como a estimulação sexual precoce pela mídia, a sociedade exige, numa dupla mensagem, que as jovens posterguem a maternidade para a idade socialmente aceita como adulta. Por outro lado, torna desejável que os adolescentes masculinos cedo expressem e realizem seus desejos sexuais e que as mulheres jovens reprimam os seus, cabendo a elas a responsabilidade do controle sexual, com uma marcante diferença dos estereótipos entre os sexos.

É importante destacar que, se a gravidez precoce ocorre, é porque há um exercício da sexualidade genital, difícil de ser evitado por ser resultado da sedução do mundo adulto sobre os adolescentes, sob várias formas, sendo o consumismo a mais marcante em uma sociedade que estimula o sexo, principalmente através da mídia.

A preocupação social está mais na gravidez que não se encontra amparada numa união consensual, geralmente a gravidez a que os adolescentes estão se submetendo, usando a sexualidade sem pedir permissão ao mundo adulto.

Dessa forma, a gravidez em adolescentes passa a ser vista como um problema social negativo, devendo, como tal, ser erradicada. Fica estabelecido pelas políticas sociais correntes que o melhor para os adolescentes é viver num mundo onde tudo já está ordenado e organizado, em que tudo

se decide a favor do controle social e do estabelecimento de regras autoritárias⁽¹⁰⁾.

Por outro lado, a maternidade é apreciada e exaltada pela sociedade, sendo a mulher desvalorizada ao evitar a gravidez, principalmente fora do matrimônio, o que lhe traz pecado e culpa por transgredir o estabelecido pela sociedade e pela religião. Assim ela busca casar e engravidar logo, o que leva a deduzir que o maior fator de risco para a gravidez adolescente é ser mulher em uma sociedade patriarcal⁽¹⁰⁾.

Em relação às famílias avaliadas, a identificação dos padrões de comportamento deixa clara a existência de um conflito entre a cultura da família e a da sociedade, pois a comunidade familiar das adolescentes entrevistadas parece não considerar a gravidez adolescente um problema, tampouco lamenta o fato de as filhas interromperem os estudos, achando mesmo que a função primeira da mulher é construir família.

CONCLUSÕES

No estudo da repetição dos padrões familiares, fica demonstrada essa influência transgeracional descrita anteriormente.

Socialmente, ignora-se o fato de que as adolescentes grávidas, embora não tenham ainda o *status* de adulto permitido pela sociedade para a gravidez e a maternidade, são adultos funcionais, ou seja, capazes corporalmente para essas funções, e isso é o que sentem como relevante para suas vidas. Para essas comunidades familiares, o sucesso profissional futuro, através da educação, parece não constituir ainda uma realidade palpável.

Em verdade, quantas jovens adolescentes têm possibilidades reais de imaginar e implementar ações concretas para a estruturação de um projeto de vida autônomo que transcenda a esfera do doméstico? Que porcentagem de jovens mulheres vai além da sexta série escolar e pode sonhar com um salário digno e um trabalho estimulante em nosso país?

Hoje a mulher luta por um projeto de vida que não a torne um mero receptáculo seminal,

embora assim continue sendo vista. A gravidez durante a adolescência continua repetindo esse ciclo de problemas entre as gerações.

Falamos mais sobre a mulher adolescente porque, para os homens, o exercício da sexualidade coital, em qualquer idade, nunca constituiu um problema sociocultural.

Poderíamos concluir que a gravidez na adolescência não se enquadra em nenhuma categoria de *status* que lhe dê significação social e que a capacidade funcional para engravidar só representaria desvantagens sociais potenciais na cultura da sociedade em que vivemos.

Assim, se a gravidez adolescente é negativa para a sociedade no seu atual momento histórico-cultural, faz-se necessário que essa mesma sociedade desenvolva um projeto de políticas públicas de prevenção e educação em saúde que dê às mulheres adolescentes possibilidades de viver de acordo com seus interesses, vocação e em igualdade de sexo.

Cabe à sociedade repensar o problema da gravidez na adolescência, levando em conta que nem toda gravidez adolescente é sentida como negativa para os adolescentes, principalmente quando não lhes é obstruída a possibilidade de realização de um projeto de vida, com suporte familiar e social.

> REFERÊNCIAS

1. Abramovay M, et al. Juventudes e sexualidade. Ed: UNESCO, MEC, Ministério da Saúde, DST/AIDS, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto Ayrton Senna. 2004.
2. Cerveny CMO. A Família como modelo – desconstruindo a patologia. Campinas: Psy. 1994.
3. Cerveny CMO, Berthoult CME. Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.
4. Cerveny CMO, Berthoult CME. Visitando a família ao longo do ciclo vital. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.
5. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociais Brasileiros. 2000.
6. Maturana HR. A ontologia da realidade. Belo Horizonte: UFMG. 1999.
7. Maturana HR, Verden-Zoller G. Amar e brincar. São Paulo: Palas Athena. 2004.
8. Minuchin S. Famiglie e terapia della famiglia. Roma: Astrolabio. 1974.
9. Minuchin P, Colapino J, Minuchin S. Trabalhando com famílias pobres. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999.
10. Rojas JR. El embarazo precoz, un reto al desarrollo integral de los adolescentes y las adolescentes en Latinoamérica. Programa de Atención Integral de la Adolescencia. CCSS. 2000; vol 2(2).